

AS QUATRO PAREDES

POR: Eliezer Guimarães

PARTE 1

Depois de um dia exaustivo, Jorge acorda e se vê em um quarto quadriculado na qual nunca esteve. O quarto era escuro e a única fonte de luz que havia, provinha de uma vela que estava localizada no centro do quarto.

Ele nunca sequer pisou em um quarto semelhante. Relutante, tentava esforçadamente localizar senso naquilo, na esperança de perceber que poderia se tratar de um sonho ou alucinação.

- Devo estar ficando louco, pode ser o cansaço. Pensou Jorge, cheio de dúvidas sobre a situação.

Minutos se passaram e, Jorge andava de canto a canto tentando encontrar uma saída. A cada instante de tempo que decorria, o pavor de Jorge aumentara. Ele não conseguia enxergar nenhuma forma de escape naquela sala, olhava para todos os cantos e só via as quatro paredes. Freneticamente, começou a se jogar contra elas, como uma forma de fugir daquela nova realidade.

- Essas paredes devem ser feitas de algo frágil, pode ser alguma brincadeira! Jorge dizia mentindo para si mesmo, negando que aquilo seja real.

PARTE 2

Horas se passaram, exausto, senta no canto da sela. Depois da tentativa de escape fracassada de Jorge, surge uma lembrança. Era sua mãe, vindo te entregar seu pão caseiro que com tanto zelo fazia frequentemente para ele. Tal receita era desconhecida por Jorge, há anos ele insistia que ela lhe passasse pelo menos um dos ingredientes. Jorge tinha o costume de amassar o pão, mania que obteve quando criança. Usava sua imaginação para criar formas e depois as devorava.

Quando o último resquício de esperança do nosso pobre derrotado se esvaia, a vela simplesmente apagou...O quarto foi tomado pela escuridão total e o medo subiu pelos pés de Jorge. Tudo que queria era voltar para casa e, pedir para sua mãe preparar o seu pão favorito; mas Jorge estava ciente de que a possibilidade dele a rever novamente era baixa.

De repente, um som ecoou por todo o quarto. Um som agudo, que parecia alternar entre as frequências. Uma música incompreensível, um ruído. No meio desse som uma voz apareceu, ela questionava:

- Pobre e miserável homem, até quando lamentarás?

O som parecia diminuir, embora a voz só aumentava. Ele não fazia ideia do que estava prestes a acontecer. Em todos os seus 23 anos de vida, nada semelhante aconteceu. A vela voltou a acender e o som cessou. O silêncio tomou conta do quarto, substituindo o antigo ruído.